Ñanduty
ISSN:2317-8590

Diálogos interculturais: a psicologia da presença indígena nas universidades brasileiras - experiências, desafios e potencialidades na USP

Luar Sateré-Mawé[1] (IPUSP - luarsatere@usp.br)

Resumo: Este artigo analisa a presença indígena nas universidades brasileiras, destacando os resultados de políticas de inclusão e os desafios enfrentados pelos estudantes indígenas no contexto acadêmico. A partir de uma revisão crítica da literatura e de dados disponíveis, como o relatório das atividades da Rede Indígena da USP, que é um serviço de extensão desenvolvido pelo Instituto de Psicologia da USP, cuja precípua função é acompanhar e compreender a situação psicossocial de pessoas indígenas, visando promover a integração e o bem-estar desses grupos em contexto urbano, pode-se inferir que as políticas de ações afirmativas, como o sistema de cotas e programas de bolsas, têm sido fundamentais para aumentar a presença indígena no ensino superior. No entanto, os estudantes indígenas ainda enfrentam obstáculos relacionados ao racismo estrutural, adaptação cultural e acesso a recursos acadêmicos. Apesar desses desafios, a presença indígena nas universidades também traz consigo potencialidades epistemológicas, desafiando os paradigmas dominantes e contribuindo para uma educação mais inclusiva e diversa. Em última análise, discorre-se sobre a importância desses resultados para subsidiar políticas públicas que promovam a inclusão e valorização dos saberes indígenas, assim como para orientar estudos futuros com o objetivo de construir uma sociedade mais justa, equitativa e respeitosa das diferentes formas de conhecimento e experiência.

Palavras-chave: Psicologia indígena. Multiplicação dialógica. Presença indígena. Ensino superior. Direitos humanos. Ações afirmativas.

Diálogos interculturales: la psicología de la presencia indígena en las universidades brasileñas - experiencias, desafíos y potencialidades en la USP

Resumen: Este artículo analiza la presencia indígena en las universidades brasileñas, destacando los resultados de las políticas de inclusión y los desafíos enfrentados por los estudiantes indígenas en el contexto académico. A partir de una revisión crítica de la literatura y de los datos disponibles, como el informe sobre las actividades de la Red Indígena de la USP, que es un servicio de extensión desarrollado por el Instituto de Psicología de la USP, cuya principal función es monitorear y comprender la situación psicosocial de los indígenas, con el objetivo de promover la integración y el bienestar de estos grupos en un contexto urbano, se puede inferir que las políticas de acción afirmativa, como el sistema de cuotas y los programas de becas, han sido fundamentales para aumentar la presencia indígena en la educación superior. Sin embargo, los estudiantes indígenas siguen enfrentándose a obstáculos relacionados con el racismo estructural, la adaptación cultural y el acceso a los recursos académicos. A pesar de estos retos, la presencia indígena en las universidades también conlleva un potencial epistemológico, desafiando los paradigmas dominantes y contribuyendo a una educación más inclusiva y diversa. En última instancia, estos resultados son importantes para subsidiar políticas públicas que promuevan la inclusión y valorización del conocimiento indígena, así como para orientar futuros estudios con el objetivo de construir una sociedad más justa y equitativa que respete las diferentes formas de conocimiento y experiencia.

Palabras clave: Psicología indígena. Multiplicación dialógica. Presencia indígena. Educación superior. Derechos humanos. Acción afirmativa.

[1] Mestrando em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Intercultural dialogues: the psychology of indigenous presence in Brazilian universities - experiences, challenges and potential at USP

Abstract: This article analyzes the indigenous presence in Brazilian universities, highlighting the results of inclusion policies and the challenges faced by indigenous students in the academic context. Based on a critical review of the literature and available data, such as the report on the activities of the USP Indigenous Network, which is an extension service developed by the USP Institute of Psychology, whose main function is to monitor and understand the psychosocial situation of indigenous people, with the aim of promoting the integration and well-being of these groups in an urban context, it can be inferred that affirmative action policies, such as the quota system and scholarship programs, have been fundamental in increasing the indigenous presence in higher education. However, indigenous students still face obstacles related to structural racism, cultural adaptation and access to academic resources. Despite these challenges, the indigenous presence in universities also brings with it epistemological potential, challenging dominant paradigms and contributing to a more inclusive and diverse education. Ultimately, these results are important for supporting public policies that promote the inclusion and appreciation of indigenous knowledge, as well as for guiding future studies with the aim of building a fairer, more equitable society that respects different forms of knowledge and experience.

Keywords: Indigenous psychology. Dialogic multiplication. Indigenous presence. Higher education. Human rights. Affirmative action.

1. Introdução

A presença indígena no ensino superior brasileiro tem despertado crescente interesse acadêmico e político, refletindo transformações significativas nas políticas de inclusão educacional e nos paradigmas da produção de conhecimento, marcadamente no contexto dos direitos humanos e da psicologia social. Este artigo busca compreender e analisar a complexidade dessa presença indígena nas universidades sob a perspectiva da psicologia social e dos direitos humanos, considerando as políticas de ações afirmativas, os desafios enfrentados pelos estudantes indígenas e as potencialidades epistemológicas dessa presença. A discussão se insere no âmbito dos direitos humanos ao reconhecer a importância fundamental de garantir acesso equitativo à educação superior para todos os grupos sociais, notadamente os povos indígenas, e ao ressaltar a necessidade de respeitar e promover suas identidades culturais, línguas e formas de conhecimento. Nesse sentido, o artigo analisa não apenas os aspectos políticos e educacionais, mas também os aspectos éticos e psicológicos envolvidos na construção de um ambiente acadêmico verdadeiramente inclusivo e respeitoso.

Este estudo revisa criticamente a literatura sobre a psicologia social comunitária e ambiental na América Latina, com destaque para a obra *'Comunidade, território e enraizamento'*, de Bernardo Parodi Svartman e Gustavo Martineli Massola (2023). Focaliza-se na Rede Indígena do Instituto de Psicologia da USP, um serviço de extensão significativo que

Ñanduty
ISSN:2317-8590

acompanha a situação psicossocial dos indígenas. O objetivo é promover sua integração e bem-estar em ambientes urbanos, por meio de atividades dialógicas na Casa de Culturas Indígenas do IP/USP. A análise revela que a presença indígena nas universidades brasileiras decorre de políticas públicas de inclusão e diversificação do ensino superior. O sistema de cotas, os processos seletivos diferenciados e os programas de bolsas têm sido importantes instrumentos para ampliar o acesso de estudantes indígenas a instituições de renome como, destacadamente, o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP/USP.

Essa presença indígena, contudo, não está isenta de desafios e obstáculos. O livro *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias,* organizado por Luís Donisete Benzi Gruponi (2015), aponta para questões como o racismo estrutural, a falta de suporte acadêmico e as dificuldades de adaptação cultural enfrentadas pelos estudantes indígenas no ambiente universitário. Diante desses desafios, torna-se fundamental refletir sobre o papel das universidades na promoção de uma educação mais inclusiva e respeitosa da multidiversidade cultural indígena.

Além disso, a presença indígena nas universidades traz consigo potencialidades epistemológicas que desafiam os paradigmas dominantes da produção de conhecimento. O livro *O índio e o mundo dos brancos: a situação dos índios no Brasil,* de Roberto Cardoso de Oliveira (1996) destaca a importância de reconhecer e valorizar os saberes e práticas indígenas no contexto acadêmico, contribuindo para uma educação mais plural e contextualmente relevante.

Nessa medida, este artigo busca compreender e refletir sobre a relevância da presença indígena nas universidades brasileiras. Sob a perspectiva da psicologia social, objetiva-se contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e para a promoção de uma educação superior inclusiva e respeitosa da diversidade cultural e epistemológica indígena no Brasil.

Isto posto, fica razoável afirmar que, a partir de políticas de ações afirmativas e programas de incentivo à educação indígena, observa-se um aumento significativo no número de estudantes indígenas matriculados em instituições de ensino superior em todo o país, levando a uma crescente atenção acadêmica e política nas últimas décadas. Este artigo propõe uma reflexão sobre os avanços, desafios e implicações da presença indígena no contexto universitário, com base em uma revisão crítica da bibliografia existente e das experiências

vividas pelos próprios estudantes e comunidades indígenas, acentuadamente por meio de atividades realizadas na Casa de Culturas Indígenas do Instituto de Psicologia da USP.

2. Objetivo

Analisar a presença indígena nas universidades brasileiras, avaliando os impactos das políticas de inclusão, os desafios enfrentados pelos estudantes indígenas e as contribuições epistemológicas que emergem dessa presença.

2.1. Objetivos Específicos

- Investigar o impacto das políticas de ação afirmativa, como cotas e bolsas de estudo, na presença indígena no ensino superior. Identificar os desafios enfrentados pelos estudantes indígenas, incluindo adaptação cultural, racismo estrutural e acesso a recursos acadêmicos;

- Examinar as contribuições epistemológicas dos saberes indígenas para a diversificação do conhecimento acadêmico, com ênfase nas práticas da Rede Indígena da Casa de Culturas Indígenas do Instituto de Psicologia da USP;

- Discutir a importância dos achados para o desenvolvimento de políticas públicas que fomentem a inclusão e valorização dos estudantes indígenas no ensino superior, sugerindo direções para pesquisas futuras que aprofundem a compreensão sobre a presença indígena nas universidades e seu papel na promoção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

3. Metodologia

A metodologia adotada neste estudo é qualitativa/descritiva fundamentada em uma revisão crítica da literatura especializada sobre o tema da presença indígena nas universidades brasileiras. Utilizando como base as referências bibliográficas indicadas, realizou-se uma análise sistemática dos principais conceitos, teorias e debates relacionados à inclusão de estudantes indígenas no ensino superior. Além disso, para fundamentar reflexões de uma psicologia social, buscou-se incorporar as perspectivas dos próprios estudantes indígenas, por meio das atividades realizadas na Casa de Culturas Indígenas pelo serviço de extensão chamado Rede Indígena da USP, do Instituto de Psicologia – IP/USP.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

4. Resultados

4.1. Políticas de inclusão e ações afirmativas

As políticas de ações afirmativas têm representado um importante instrumento para ampliar a presença indígena nas universidades brasileiras, desempenhando um papel crucial na promoção da equidade e da diversidade no ensino superior. O livro *Universidade e Povos Indígenas: o Programa de Ação Afirmativa da UnB*, organizado por Maia (2017), emerge como um recurso fundamental para a compreensão e análise das estratégias de inclusão adotadas pela Universidade de Brasília (UnB) e seus efeitos na comunidade indígena.

A obra oferece uma abordagem detalhada das políticas e práticas implementadas pela UnB ao examinar de perto os impactos das ações afirmativas, contribuindo para o entendimento mais amplo do papel das universidades na promoção da inclusão social e no reconhecimento dos direitos dos povos indígenas, destacando tanto os aspectos positivos quanto os desafios enfrentados na implementação dessas iniciativas. A análise crítica apresentada neste texto acadêmico oferece *insights* valiosos para a formulação e implementação de políticas mais eficazes e sensíveis para as necessidades e realidades das comunidades indígenas, visando garantir uma educação superior verdadeiramente acessível e inclusiva para todos.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

4.2. Rede de Atenção à Pessoa Indígena do Instituto de Psicologia da USP – IP/USP

Imagem 1 - Casa de Culturas Indígenas - IP/USP



Créditos: Luar Sateré-Mawé.

A Rede Indígena, como é conhecida, é um projeto de acompanhamento psicossocial da pessoa indígena, porquanto busca compreender as vulnerabilidades psicossociais vivenciadas por pessoas indígenas. Compõe-se de voluntários, que são estudantes bolsistas e não-bolsistas, vinculados a projetos e disciplinas do Instituto de Psicologia – IP/USP, além de docentes e voluntários que, desde 2012, vem desenvolvendo atividades de aproximação com comunidades indígenas de São Paulo.

Nesse sentido, cumpre esclarecer que, a partir do ano de 2012, foi que se iniciaram os diálogos interétnicos entre o Instituto de Psicologia da USP com diversas comunidades indígenas, a partir do serviço de extensão denominado: Rede de Atenção à Pessoa Indígena, cuja proposta foi tecer uma rede de projetos em parceria com indígenas, sendo aprofundada a relação com lideranças de comunidades *M'byá Guarani* da Terra Indígena do Jaraguá, no Estado de São Paulo, Capital.

As ações de aproximação foram fundamentadas pela perspectiva dialógica como pressuposto teórico e metodológico. Pois, conforme Simão (2010), o dialogismo pressupõe que

Ñanduty
ISSN:2317-8590

a relação com o outro é aquela que abarca uma dimensão de alteridade que é irredutível a qualquer conhecimento prévio que se possa ter do outro. De forma que, a partir da escuta dos significados que os próprios indígenas atribuíram a suas histórias e sofrimentos, buscou-se fortalecer o combate a todo tipo de violência praticada contra esses povos, ampliando espaços de troca de saberes e experiências.

As atividades de extensão foram se desenvolvendo até que se chegou à proposta da construção da Casa das Culturas Indígenas no IP/USP, dentro da Cidade Universitária, surgida das reivindicações de lideranças das comunidades *Guarani* de São Paulo por uma ampliação da visibilidade de seus modos de viver e de pensar os desafios do mundo contemporâneo, do reconhecimento e efetivação dos direitos já conquistados, especialmente os direitos à saúde e educação diferenciadas, demarcação de terras, fortalecimento de sua cultura e memória ancestrais.

A ideia de construção de uma casa tradicional *Guarani*, com indígenas de comunidades atendidos pelo serviço da Rede de Apoio aos Ameríndios – IP/USP/PSE, surgiu no final do ano de 2015. A construção, porém, só foi concluída no início de 2017, e a inauguração aconteceu no mês de maio desse mesmo ano. A casa recebeu o nome *Guarani Xondaro kuery onhemb'ea ty apy,* que se traduz aproximadamente por local de ensino dos guardiões, daqueles que detêm o conhecimento tradicional e o protegem, local daqueles que cuidam de sua comunidade, protegendo-a contra possíveis ameaças, conforme relatório das atividades da Rede de Atenção à Pessoa Indígena IP/USP – PSE (2012-2017)[2]

A implantação de uma Casa de Culturas Indígenas na Cidade Universitária teve como objetivo fomentar, dentro do universo acadêmico, na esfera da psicologia e dos povos indígenas, a discussão sobre a temática da saúde e educação diferenciadas, reconhecimento e direitos, demarcação de terras, fortalecimento da memória e cultura das comunidades indígenas. Portanto, a proposta se justifica por permitir o aprofundamento do intercâmbio já existente entre a psicologia e as comunidades *Guarani*, com a participação de lideranças indígenas, educadores e estudantes. A inclusão de valores culturais comunitários, presentes na vida e no pensamento dos educadores indígenas, têm contribuído para o desenvolvimento das possibilidades dos jovens universitários e jovens indígenas circularem e se relacionarem com integridade, em

[2] REDE INDÍGENA. 2012-2017. Disponível em: <Rede Indígena 2012-2017.pdf>. Acesso em: [06/02/2024].

Ñanduty
ISSN:2317-8590

múltiplos espaços e contextos socioculturais, criando espaços férteis para a construção dialógica.

O objetivo da Casa das Culturas Indígenas no Instituto de Psicologia da USP é contribuir para a afirmação de pessoas detentoras da sabedoria indígena, unindo neste local a possibilidade de discutir e considerar os diversos desafios enfrentados contemporaneamente pelas comunidades. Também se propõe a realização de processos educativos que abordam os desafios das comunidades indígenas na sua relação com o contexto urbano nas pequenas e grandes cidades brasileiras. Dado que as cidades, mesmo proporcionando o encontro com a diversidade de culturas e a articulação entre diferentes povos indígenas, também apresentam formas de exclusão e violência, invisibilidade e preconceito, construindo entendimentos que possam auxiliar na luta por direitos, especialmente em relação à demarcação de territórios indígenas tradicionais.

O papel de uma educação comprometida com a vida comunitária é fomentar a reflexão sobre o conhecimento que está diretamente relacionado aos desafios enfrentados pela coletividade, utilizando os costumes e práticas sustentáveis características da coletividade como referências para fortalecer o amplo exercício dos povos de sua própria capacidade de gerir seus processos educativos, de promoção da saúde, de economia, de alimentação, de apropriação de conhecimentos e de escolhas sobre o que pretendem construir para as gerações futuras.

Em uma sociedade, como a brasileira, considerada de economia emergente, a mercantilização da terra gera impactos na vida de comunidades que possuem concepções divergentes de uso da terra e modos de se relacionar com o processo produtivo. A concentração fundiária no Brasil e a exploração da mão de obra no contexto rural, que carregam resquícios do período escravista, violador do mais basilar bom senso, deixaram na memória as lutas e resistências das populações indígenas contra as transformações ocorridas secularmente em seus territórios.

Sob essa perspectiva, a construção da Casa das Culturas Indígenas do IP/USP revela uma realidade em que os indígenas ensinam estudantes e professores universitários, transformando-se em um espaço de troca, de diálogo, no sentido dialógico do termo, em que as diferenças podem se afirmar e contribuir mutuamente no deslocamento de pontos de vista muitas vezes endurecidos na formação escolar e acadêmica. Um espaço para expandir, multiplicar as compreensões do mundo, em que diversas posições possam coexistir sem

Ñanduty
ISSN:2317-8590

exclusão ou silenciamento forçado, sendo capaz de acolher a diversidade, resistindo à diversidade histórica e tendências contemporâneas marcadas pela intensificação de polaridades, opressões, tentativas de silenciamento e aprisionamento de alteridades historicamente desumanizadas.

4.3. A Casa de Culturas Indígenas do IP/USP

Imagem 2 - Casa de Culturas Indígenas na Cidade Universitária, Butantã, SP



Créditos: Luar Sateré-Mawé.

O projeto de construção de uma casa tradicional *Guarani*, em conjunto com indígenas das comunidades atendidas pelo serviço de extensão: Rede de Atenção à Pessoa Indígena do IP/USP-PSE, emergiu a partir de demandas de lideranças das comunidades indígenas por uma ampliação das condições de visibilidade dos modos de vida e do pensamento indígena contemporâneo, demandas que promoveram uma crescente articulação entre diversas etnias indígenas e a universidade.

A partir das atividades realizadas pela Rede Indígena, as crescentes demandas resultaram em uma articulação com o Laboratório de Culturas Construtivas - LCC da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP para o acompanhamento das ações que envolveram a elaboração do projeto arquitetônico de construção da Casa de Culturas Indígenas. Nesses diálogos, foi feito o planejamento acadêmico da oficina, definição do número de vagas e

Ñanduty
ISSN:2317-8590

proposta de divulgação. O planejamento acadêmico incluiu a realização de oficinas por um período de três dias, 19, 20 e 21 de outubro de 2016, nos períodos da manhã, das 10h30 às 12h30 e da tarde, das 14h00 às 17h00, respectivamente. O conteúdo das oficinas envolveu a apresentação inicial dos participantes, da Rede Indígena do IP/USP e do LCC-FAU/USP, seguida de uma exposição da cultura *Guarani* e do significado da *Casa das Culturas Indígenas* e do tipo de construção proposta para ser instalada na USP, dentro da Cidade Universitária. Em seguida, foi planejada a elaboração de representações da Casa, maquete e desenho, finalmente, a composição de uma lista dos materiais necessários para o início da efetiva construção.

Os *Guarani* apontaram a necessidade de algumas adequações em relação às alternativas apresentadas para a construção da Casa. Em primeiro lugar, a orientação da Casa no espaço devido, considerando que para os *Guarani* a Casa deveria se posicionar com a inclinação do nascimento (fundos) ao pôr do sol (entrada). Em segundo lugar, a entrada da Casa deveria ter paredes arredondadas. As janelas e portas devem se situar em posições específicas respeitando-se à tradição. Essa orientação quanto à posição cardeal da Casa em relação ao sol, exigiu expertise da engenharia civil, que foi suprida pelo Laboratório de Culturas Construtivas, de forma a atender todas as normas de segurança da construção civil, ajustando o projeto às especificações e normas técnicas exigidas pela Superintendência do Espaço Físico - SEF da USP.

Por fim, a Casa foi construída, possuindo cerca de 48 metros quadrados com seis metros de largura e oito metros de comprimento. O objetivo foi construí-la de acordo com a cultura tradicional do povo *M'byá Guarani*. O espaço é destinado para a realização de atividades que envolvem a disseminação da língua e outras expressões culturais como oficinas de *Contação de histórias* por indígenas, além de Rodas de Conversa sobre temas relevantes para as comunidades indígenas no mundo contemporâneo, seus conflitos e estratégias de superação. Também são feitas reuniões de planejamento da Rede Indígena, que tem por objetivo elaborar possíveis contribuições da psicologia cultural no atendimento às vulnerabilidades psicossociais de pessoas e comunidades indígenas.

É imperioso destacar, que a Casa de Culturas Indígenas representa o espaço físico para a criação de espaços dialógicos entre os saberes indígenas, fundamentados em sua ancestralidade milenar, e os estudantes do próprio Instituto de Psicologia, bem como toda a comunidade acadêmica, promovendo a desconstrução de inúmeros estereótipos, impostos por

ocasião da colonização, à medida que também representa um laboratório para a construção de conhecimentos que se complementam mutuamente.

4.4. Desafios e obstáculos

Muito embora as políticas de inclusão tenham proporcionado avanços significativos, os estudantes indígenas ainda se deparam com uma série de obstáculos no ambiente universitário que merecem uma análise mais aprofundada sob a ótica da psicologia social. O livro *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias,* organizado por Luís Donisete Benzi Gruponi (2015), ressalta a importância de compreender essas dificuldades sob um viés psicossocial. Ao adentrar no contexto acadêmico, os estudantes indígenas frequentemente se deparam com manifestações de racismo estrutural que permeiam as estruturas institucionais e as interações sociais cotidianas. Essas formas de discriminação, muitas vezes sutis e internalizadas, podem afetar profundamente o bem-estar psicológico e o desempenho acadêmico dos estudantes indígenas, impactando sua integração e participação na vida universitária.

Além disso, a adaptação cultural representa outro desafio significativo. A transição para um ambiente acadêmico predominantemente não indígena pode suscitar conflitos de identidade, dilemas éticos e sentimentos de alienação cultural. A necessidade de conciliar os valores, conhecimentos e práticas tradicionais com as exigências e expectativas da academia coloca os estudantes indígenas diante de uma jornada emocional e cognitiva complexa.

O acesso limitado a recursos e suporte acadêmico também se mostra como uma barreira substancial. A falta de políticas institucionais sensíveis à diversidade cultural e às necessidades específicas dos estudantes indígenas pode dificultar o acesso a serviços de aconselhamento, tutoria e programas de assistência financeira, minando suas chances de sucesso acadêmico e profissional.

Nesse sentido, uma abordagem fundamentada na psicologia social permite uma análise mais profunda e holística dos desafios enfrentados pelos estudantes indígenas no ensino superior, considerando não apenas os aspectos estruturais e contextuais, mas também as dimensões emocionais, identitárias e relacionais envolvidas. Essa perspectiva oferece *insights* valiosos para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas mais inclusivas e equitativas, que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e promovam o bem-estar e o sucesso acadêmico de todos os estudantes.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

4.5. Transformações epistemológicas e potencialidades

As transformações epistemológicas e potencialidades decorrentes da implementação da Casa de Culturas Indígenas no IP/USP são notáveis e representam um marco significativo no contexto acadêmico e na relação entre a universidade e as comunidades indígenas.

Em primeiro lugar, a construção da Casa de Culturas Indígenas possibilita uma ruptura com paradigmas tradicionais de conhecimento ao reconhecer e valorizar as epistemologias indígenas, fundamentadas em uma ancestralidade milenar. Ao proporcionar um espaço físico para a promoção e preservação das expressões culturais, línguas, histórias e práticas tradicionais dos povos indígenas, a Casa contribui para a ampliação e diversificação dos saberes presentes na universidade.

Essa abertura para múltiplas formas de conhecimento desafia as estruturas acadêmicas eurocêntricas e hegemonicamente ocidentais, permitindo a coexistência e interação entre diferentes sistemas de sabedoria. A partir desse diálogo intercultural, emerge a oportunidade de construir uma compreensão mais ampla e holística do mundo, enriquecida pela diversidade de perspectivas e experiências.

Além disso, a Casa de Culturas Indígenas se torna um espaço privilegiado para a realização de atividades interdisciplinares e interculturais, envolvendo não apenas estudantes e professores do Instituto de Psicologia, mas toda a comunidade acadêmica. As rodas de conversa, oficinas de contação de histórias, reuniões de planejamento da Rede Indígena e outras iniciativas realizadas na Casa propiciam um ambiente propício para a troca de conhecimentos, reflexões e experiências entre indígenas e não indígenas.

Essa interação dinâmica e dialógica não apenas fortalece os laços entre a universidade e as comunidades indígenas, mas também contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos historicamente construídos em relação aos povos indígenas. Ao reconhecer e respeitar as epistemologias indígenas, a Casa desafia as narrativas dominantes e promove uma visão mais inclusiva e equitativa da produção de conhecimento. Afinal, as transformações epistemológicas e potencialidades geradas pela Casa de Culturas Indígenas representam um passo significativo na construção de uma universidade mais plural, diversa e comprometida com a valorização da diversidade cultural e a promoção dos direitos indígenas. Ao reconhecer e integrar os saberes indígenas ao ambiente acadêmico, a universidade se enriquece e se fortalece como espaço de diálogo, aprendizado e transformação social.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

A presença indígena nas universidades brasileiras representa um avanço significativo na luta pela inclusão e diversidade no ensino superior. No entanto, é necessário reconhecer que a inclusão de estudantes indígenas não se limita apenas ao acesso à educação formal, mas também envolve o reconhecimento e a valorização dos saberes e práticas indígenas no contexto acadêmico. Neste sentido, cumpre destacar o papel da universidade na promoção da diversidade cultural e na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa para todos os povos indígenas do Brasil, considerando que o ingresso de estudantes indígenas nas universidades é resultado de uma série de políticas públicas que visam promover a igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior. Entre essas políticas, destacam-se o sistema de cotas, processos seletivos diferenciados e programas de bolsas e auxílios. Contudo, vale esclarecer, que o aumento da presença indígena no ambiente acadêmico não se limita apenas às instituições públicas por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), estendendo-se também às universidades privadas, marcadamente nos últimos anos pelo Programa Universidade para Todos (Prouni).

5. Discussão dos resultados

5.1. Importância das políticas públicas de ações afirmativas

Os resultados destacam a importância das políticas de ações afirmativas, como o sistema de cotas e programas de bolsas e auxílios, na promoção da inclusão de estudantes indígenas nas universidades. Essas políticas têm sido fundamentais para ampliar o acesso desses estudantes ao ensino superior e devem ser continuamente fortalecidas e aprimoradas para garantir a efetivação do direito à educação para todos os povos indígenas do Brasil.

Nesse sentido, vale destacar os programas de bolsas e auxílios oferecidos pelo Programa Universidade para Todos (Prouni) e pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) na promoção da inclusão de estudantes indígenas nas universidades. Tais políticas têm desempenhado um papel crucial em ampliar o acesso desses estudantes ao ensino superior. É imperativo que essas iniciativas sejam constantemente fortalecidas e aprimoradas, visando assegurar realmente a efetivação do direito à educação para todos os brasileiros, entre os quais os povos indígenas do Brasil.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

5.2. *Insights* importantes para subsidiar políticas públicas

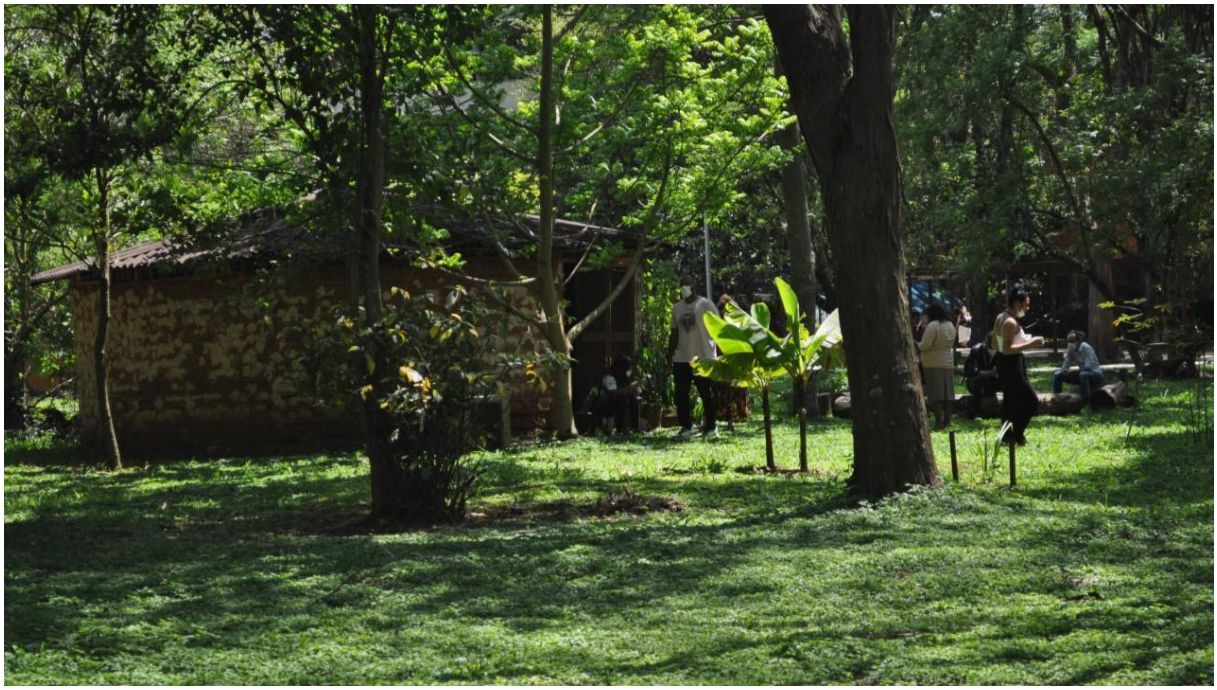
Os resultados apresentados neste estudo sobre a presença indígena nas universidades brasileiras apontam para direções promissoras para estudos futuros sobre o tema, à medida que oferecem *insights* importantes para subsidiar políticas públicas voltadas para a promoção da inclusão e valorização dos saberes indígenas no ensino superior. Pois mostra que os desafios enfrentados por estudantes indígenas vão além das barreiras socioeconômicas e incluem questões ligadas ao racismo estrutural e à adaptação a um ambiente culturalmente distinto. Evidenciando que a universidade, muitas vezes, reproduz estruturas e práticas excludentes que marginalizam os saberes e experiências dos povos indígenas, perpetuando assim um sistema de exclusão e discriminação.

A presença indígena nas universidades, em contrapartida, também traz consigo a oportunidade de questionar e desestabilizar os paradigmas epistemológicos dominantes. Os conhecimentos indígenas, construídos ao longo de séculos de interação harmoniosa com o meio ambiente, oferecem perspectivas únicas sobre questões fundamentais, como educação ambiental, interconexão e espiritualidade. Ao incorporar esses conhecimentos em suas práticas acadêmicas, os estudantes indígenas contribuem para a diversificação e enriquecimento do ambiente universitário.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

5.3. A Rede Indígena do IP/USP

Imagem 3 - Reunião da Rede Indígena na Casa de Cultura Indígenas no IP/USP



Créditos: Luar Sateré-Mawé.

Importa ressaltar que a Casa de Culturas Indígenas, fruto de um trabalho coletivo de interlocução entre a Rede de Atenção à Pessoa Indígena, lideranças indígenas *M'byá Guarani*, entre outros colabores, evidencia ser palco de inúmeras interações propícias para a Multiplicação Dialógica, que é um conceito na psicologia que se refere à expansão e ao enriquecimento do conhecimento por meio do diálogo entre diferentes perspectivas e experiências. Na psicologia, especialmente no construtivismo semiótico-cultural, a multiplicação dialógica é vista como uma ferramenta teórico-conceitual que ajuda a organizar reflexões sobre a construção de conhecimento, pois se baseia na ideia de que o conhecimento é construído socialmente através de interações significativas e que o diálogo é fundamental para a compreensão de processos culturais e a construção de sentidos.

Para Simão (2010), este conceito é particularmente relevante quando se considera a diversidade de experiências humanas e a necessidade de incluir múltiplas vozes e perspectivas no processo de pesquisa e prática profissional em psicologia. A multiplicação dialógica permite que os psicólogos reconheçam e valorizem a alteridade, ou seja, a existência de outras formas de ser e de pensar que são diferentes das suas próprias. Podendo envolver, na prática, a

colaboração entre psicólogos e membros de comunidades indígenas, por exemplo, para entender melhor suas experiências e saberes.

Isso pode levar a uma maior inclusão de conhecimentos indígenas na academia e a uma abordagem mais holística e respeitosa da psicologia, servindo de fundamento teórico-metodológico para se pensar a atuação da psicologia no processo dialógico de construção cultural, a partir do qual novas formas de compreensão das distintas dimensões culturais, expressas pelas cosmovisões dos inúmeros povos indígenas, localizados nas mais diversas regiões do país, possam ser consideradas de forma cada vez mais inclusivas com base no respeito e na dignidade humana.

Na Casa de Culturas Indígenas, são promovidas Rodas de Conversas e diversas atividades de integração para indígenas aldeados e outros que, embora distantes de suas raízes culturais, não falam mais sua língua nativa e podem não ter características físicas comumente associadas aos povos indígenas. No entanto, esses indivíduos estão engajados em reafirmar sua identidade ancestral, participando ativamente das iniciativas da Casa e de vários movimentos que buscam a valorização e o reconhecimento dos direitos indígenas.

Desta forma, por revelar a existência de universos de compreensões sobre cultura indígena, a Casa de Culturas Indígenas se torna marco de referência em estudos teóricos e metodológicos sobre a pesquisa científica no processo de Multiplicação Dialógica, dentro da perspectiva do Construtivismo Semiótico-Cultural, em Psicologia.

5.4. Urgência de políticas públicas específicas de suporte e acompanhamento para os estudantes indígenas

A análise dos obstáculos enfrentados pelos estudantes indígenas, abrangendo desde o racismo estrutural até as dificuldades de adaptação cultural e a carência de apoio acadêmico, enfatiza a urgência da implementação de políticas públicas de suporte e acompanhamento para essa coletividade específica. Isso engloba a necessidade de estabelecimento de programas de assistência psicossocial, orientação acadêmica e estímulo à criação de redes de apoio entre estudantes indígenas e não indígenas. Este contexto demanda uma abordagem interdisciplinar e holística, que reconheça as nuances das experiências individuais e coletivas dos estudantes indígenas, visando garantir um ambiente acadêmico mais inclusivo e favorável ao seu desenvolvimento integral.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

5.5. Presença dos povos indígenas no ensino superior desafia os paradigmas epistemológicos estabelecidos

A presença dos povos indígenas nas instituições de ensino superior não apenas diversifica o ambiente acadêmico, mas também desafia os paradigmas epistemológicos estabelecidos. Reconhecer e valorizar os conhecimentos e práticas indígenas no contexto universitário é essencial para fomentar uma educação verdadeiramente inclusiva e plural. Essa abordagem permite estabelecer diálogos respeitosos e colaborativos com as diversas formas de conhecimento presentes na sociedade brasileira, enriquecendo assim o processo educacional e contribuindo para uma compreensão mais ampla e holística do mundo.

Novas possibilidades epistemológicas são descortinadas, à medida que as perspectivas indígenas são integradas e respeitadas no ambiente acadêmico, possibilitando uma maior interconexão dialógica entre diferentes saberes e promovendo a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e humanamente digna.

5.6. Sugestões para estudos futuros

Em relação aos estudos futuros, há diversas áreas que merecem maior atenção e aprofundamento. Por exemplo, é fundamental investigar mais profundamente o impacto das políticas de inclusão na trajetória acadêmica e profissional dos estudantes indígenas, bem como a eficácia das estratégias de suporte e acompanhamento oferecidas pelas universidades. Além disso, é importante explorar as contribuições específicas dos saberes indígenas para diferentes áreas do conhecimento, como ciências sociais, meio ambiente, saúde e tecnologia, e como essas contribuições podem ser integradas de forma mais efetiva ao currículo acadêmico.

Os resultados deste estudo oferecem, portanto, uma base sólida para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e para a condução de estudos futuros que visem ampliar o entendimento sobre a presença indígena nas universidades brasileiras e suas implicações para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e respeitosa da diversidade cultural e epistemológica.

6. Considerações finais

A análise da presença indígena nas universidades brasileiras revelou uma realidade complexa e multifacetada, marcada por avanços significativos, desafios persistentes e potencialidades promissoras. Os resultados obtidos a partir da revisão crítica da literatura e da

Ñanduty
ISSN:2317-8590

discussão das atividades realizadas pela Rede Indígena da USP oferecem *insights* valiosos para a formulação de políticas públicas mais inclusivas e para a orientação de estudos futuros sobre o tema.

As políticas de ações afirmativas, como o sistema de cotas e programas de bolsas, têm desempenhado um papel fundamental na ampliação do acesso de estudantes indígenas ao ensino superior. No entanto, os desafios enfrentados por esses estudantes no ambiente universitário ainda são significativos, incluindo questões relacionadas ao racismo estrutural, adaptação cultural e acesso a recursos acadêmicos. Nesse sentido, é fundamental enfatizar que as universidades e os órgãos governamentais desenvolvam políticas e programas específicos de apoio e acompanhamento para garantir o pleno desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes indígenas.

Além disso, a presença indígena nas universidades também traz consigo potencialidades epistemológicas, desafiando os paradigmas dominantes e enriquecendo o conhecimento acadêmico com perspectivas e saberes indígenas. Reconhecer e valorizar esses saberes é não apenas uma questão de justiça social, mas também uma oportunidade de promover uma educação mais inclusiva, diversa e contextualmente relevante para a sociedade brasileira como um todo.

Por conta de todo o exposto, é de fácil entendimento que políticas públicas e iniciativas institucionais sejam desenvolvidas e fortalecidas para promover a inclusão e valorização dos estudantes indígenas no ensino superior. Isso inclui investir em estudos futuros que aprofundem o entendimento sobre a presença indígena nas universidades, a implementação de programas de suporte psicossocial, orientação acadêmica e incentivo à formação de redes de apoio entre estudantes indígenas e não indígenas.

A construção da Casa de Culturas Indígenas do Instituto de Psicologia, na Cidade Universitária propiciou palco fértil para a Multiplicação Dialógica por fomentar uma interlocução com a participação dos próprios povos indígenas, destinatários finais dessas políticas públicas de atenção à saúde e à saúde mental, sobretudo, por inovar com um trabalho de extensão, cujo resultado aporta importantes contribuições para a psicologia, por meio de uma escuta qualificada do sofrimento/aflição, em uma clínica redimensionada por um perspectivismo cultural, evidenciando a interdisciplinaridade nessa interlocução.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Em última análise, a presença indígena nas universidades é um reflexo da diversidade e riqueza cultural do Brasil, e seu reconhecimento e valorização são fundamentais para a construção de um país mais inclusivo, democrático e plural. Diante desse cenário, torna-se fundamental reconhecer e valorizar a presença indígena nas universidades brasileiras, ampliando a visibilidade das experiências vividas pelos estudantes indígenas no ensino superior, contribuindo para a construção de uma universidade mais inclusiva, diversa e comprometida com a valorização dos conhecimentos e culturas indígenas. Que este estudo dissertativo possa contribuir para promover o diálogo, a reflexão e a ação em prol da promoção da educação superior indígena e do respeito aos direitos e saberes dos povos indígenas do Brasil.

7. Referências

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. *O índio e o mundo dos brancos: a situação dos índios no Brasil.* 4ª ed. São Paulo. Editora Unicamp.

GRUPONI, Luís Donisete Benzi (org.). 2015. *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.* Mercado das Letras.

MAIA, Ana Cristina Braga (org.). 2017. *Universidade e Povos Indígenas: construindo saberes*. Editora UFMG.

OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). 2006. *A presença indígena na universidade: a experiência da UNB*. Editora Paralelo 15.

REDE INDÍGENA. 2012-2017. Disponível em: <Rede Indígena 2012-2017.pdf>. Acesso em [06/02/2024].

SOUZA LIMA, Antonio Carlos de, e BARROSO-HOFFMANN, Maria (orgs.). 2002. *Etnodesenvolvimento e políticas públicas; Estado e povos indígenas; e Além da tutela: bases para uma nova política indigenista.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 3 vols. 160 pp., 109 pp., 124 pp.

SVARTMAN, Bernardo Parodi, MASSOLA, Gustavo Martineli (orgs.). 2023. *Comunidade, Território e Enraizamento – diálogos entre a psicologia social comunitária e a psicologia ambiental Latino-Americanas.* 1ª edição. Curitiba. EDITORA CRV; São Paulo: IP/USP.

SIMÃO, L. M. 2010. *Ensaios Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu outro.* São Paulo. HUCITEC. ISBN: 8579700736